

e sem passagem pelo balcão do anúncio, publicar um catálogo dos livros mais úteis com indicação dos seus autores. Mas se há tantas convenções e tantas leis e nem uma há que obrigue a imprensa a noticiar, ao menos, a morte dos grandes homens! Ainda há pouco faleceu Alfredo Adler. Se Jaime Brasil não escreve um artigo sobre o cientista defunto, em Portugal, e pela imprensa portuguesa, não haveria quem tivesse conhecimento da morte dum homem que não viveu para si, como o fazem tantos ilustres—ilustrados com o que não ilustra—e que mesmo depois de bem mortos continuam fora do túmulo.

### Transcrição

O artigo «Confissão de fé» do nosso querido camarada Abel Salazar, publicado no primeiro número de «Sol Nascente», foi agora transcrito por «Ideia Livre», de Anadia.

# P A T R I O T I S M O

Julgo que o verdadeiro patriotismo não é do passado que se alimenta, nem nêle que se avigora, mas que, bem ao contrário, são o presente e o futuro que principalmente o vitalizam. Um povo cuja liberdade e independência periga não derrama o seu sangue pela memória do passado, mas sim pelos ideais do presente e pelas suas aspirações do futuro. Luta por um ideal e não por uma recordação, luta pelos interesses presentes, pelos affectos próximos e não pelos desaparecidos interesses dos avós que morreram. Trabalha por um lar mais rico e mais belo e não por um jazigo mais sumptuoso e mais amplo.

O próprio passado só existe para um povo, como prefiguração do momento presente e por isso há tantas maneiras de conceber o passado quantas maneiras há de conceber a vida presente e o futuro a que se aspira. Dizer-se, porém, a um povo que no passado se encontra perfeita e integralmente realizada a sua missão é um acto mais que anti-patriótico,

porque é anti-humano. A pátria é uma idea — não é uma coisa, e só se concebe o amor por ela quando representa um ideal superiormente humano, que a vontade colectiva dos cidadãos realiza e afirma.

Não há interesses nacionais que não sejam interesses humanos — nem há virtude patriótica onde não existe virtude moral, e o que verdadeiramente define um povo não são as suas realidades históricas, mas os seus ideais presentes e aspirações de futuro. Foi neste sentido que Renan judiciosamente afirmou que uma nação é um plebiscito de todos os momentos. Ora só o ideal e a vontade têm força para manter viva uma comunidade humana e a essa comunidade será tanto mais interessante pertencer quanto mais vasta e mais bela seja a obra que colectivamente se possa realizar sob as estrélas que primeiro fitamos, na terra que primeiro conhecemos e na lingua que ouvimos a nossos pais.

Castelo Branco Chaves  
(Da «Seara Nova»).

## A CRISE EUROPEIA

(Continuação da página 13)

uma nova fórmula de arte, e isso, só num novo complexo histórico é possível. Assim não podendo repetir eternamente o Símbolo, não podendo excedê-lo, não podendo substituí-lo, ela renova dentro da sua fórmula geral, corrompe-se, e pouco a pouco decaí. Nesta decadência a vida profunda, criadora, reage, em constante conflito com o Símbolo mas sem o poder suprimir, sem lhe poder anular a influência sugestiva. Daí as oscilações que tam depressa a conduzem a um academismo frio, como ao barroco, ao patético, ao romantismo desesperado, ao amaneiramento, à facilidade, em que pouco a pouco tudo se dissolve. De Giotto a Rafael, o Símbolo define-se gradualmente: depois êle permanece, sem se definir mais; e sob êle, o conflito começa entre a Emoção renovadora e o Símbolo opressor. A Arte de Caravaggio, de Tiepolo, não é já, emotivamente, a de Rafael ou Vinci; mas a influência do Símbolo é aí ainda visível. O esforço criador não foi completo; não há um novo Símbolo que substitui o primeiro, mas a emoção criadora que se define e se objectiva ainda nos cânones do Símbolo hegemónico.

O mesmo sucede na Arte grêga; o mesmo sucede na Arte europeia. Toda a história da arte é uma exemplificação destes movimentos, e não podemos desenvolvê-la aqui sob este ponto de vista.

O mesmo sucede com a evolução geral das Religiões, das Místicas, das Ideias filosóficas. O mesmo sucede com os sistemas políticos e sociais. A evolução das religiões é particularmente demonstrativa, mas não o podemos desenvolver aqui. Recordemos apenas que, partindo da emoção colectiva indefinida, elas se diferenciam definindo-se, e findam, após uma longa evolução, em fórmulas dogmáticas petrificadas, que acabam por não ser mais do que ritos já sem sentido algum. Do cristianismo primitivo ao chamado «objectionismo», e do budismo primordial ao trantismo, esta curva é sempre a mesma, e análogos os fenómenos gerais. O mesmo sucede com os Símbolos morais, políticos e sociais; a evolução da Idéa de Estado, por exemplo, é, a este respeito, característica. Da Cidade-Estado à Nação, e da Nação à Sociedade de Estados, vai uma evolução que conduzirá por seu turno a uma nova

forma de agregado de que a Sociedade das Nações é um primeiro embrião.

Mas para bem compreendermos este mecanismo complexo é preciso pôrmos em foco as suas condições.

O agregado que forma o complexo é formado por indivíduos aglutinados em sistema por um sistema de forças. Estas forças são precisamente estes Símbolos, conjugados com as forças económicas e outras inerentes ao agregado como agregado (ver a este respeito «Indivíduo e Colectividade», in «Medicina»). Este forma assim um sistema composto de elementos ligados entre si por forças de coesão. São estas que mantêm a unidade do complexo e o mantêm especialmente e temporalmente como um sistema:—sistema que precisamente nós chamamos: Egêa, Grécia, Roma, Europa, etc.

Mas para compreender a bio-mecânica destes sistemas não basta conhecer o sistema e suas forças de coesão; é preciso conhecer-lhes os elementos componentes e a forma porque actuam sob o ponto de vista mecanoide sobre o sistema e dentro do sistema.

Além das forças bio-mecanoides, temos de considerar as psico-mecanoides. Se um agregado tem o seu ponto de partida, como o vimos já, na fusão étnica, na fusão biológica de elementos diversos—condição, como vimos, de formação de uma civilização—o elemento componente, pelo seu carácter psíquico, é que imprime a forma específica ao complexo. Além disso é um reagent e uma força psico-mecanoide, capital na mecânica do sistema. Assim não podemos jámais esquecer o sistema como um todo coerente, não podemos igualmente esquecer o elemento, considerando-o com o factor mecanoide capital.

A este respeito, um dos factores para que já chamamos a atenção, por demasiado esquecido, ou pouco conhecido, é o papel que representam na bio-mecânica da história aquilo a que chamaremos o sistema das classes biológicas, ou classe de biotipos. A obra da actual Psico-Somática e das Escolas Caracterológicas fornecem-nos a este respeito dados capitais, os quais não temos visto ainda aproveitar para elucidação da mecânica da história.